

Adilson Pontes Malta: O engenheiro que construiu os alicerces da Televisão Brasileira

Fundador e primeiro presidente da SET, Diretor da Globo e referência em engenharia de broadcast, Adilson Pontes Malta transformou improvisos em qualidade. Liderou inovações tecnológicas e ajudou a profissionalizar a televisão no Brasil, deixando um legado que conecta o passado artesanal ao futuro da comunicação audiovisual. Ideador da Revista da SET, escreveu no primeiro editorial que a Revista seria o “mecanismo básico para disseminar as ideias e consolidar os trabalhos da nossa Sociedade”

Por Fernando Moura



Foto: SET

Adilson Pontes Malta é uma das figuras centrais na história da televisão brasileira. Engenheiro, visionário e proeminente líder, ele ajudou a consolidar a infraestrutura técnica que transformou emissoras em potências de comunicação. Sua trajetória é marcada por paixão genuína pela eletrônica, improviso criativo em tempos precários e visão estratégica que o tornou um dos mais importantes parceiros na criação do Padrão Globo de Qualidade e inspirou gerações de profissionais de mídia. Pontes Malta foi o primeiro presidente da SET e um dos idealizadores da entidade.

Malta afirmou à reportagem da Revista da SET que a sua infância e juventude “foram tudo menos convencionais”. Filho adotivo, enfrentou dificuldades escolares até descobrir seu verdadeiro interesse. “Aos três anos, fui adotado por uma família e meio perdido, comecei a minha vida escolar como um péssimo aluno. Meu pai adotivo, achou que tinha que aprender um ofício e me matriculou na Escola Técnica Federal, hoje CEFET-RJ. Como um jovem atordoado tinha aulas regulares pela manhã e Oficina à tarde. Acontece que fui parar na Oficina de Marcenaria, com doze anos. Eu detestava. Um dia, passando pelo pátio da escola, vi um colega mexendo num radinho de pilha e ele me disse que o estava consertando. Apertou uma peça, deu contato e saiu um som. Aí eu pensei: ‘é isso que eu quero fazer’.” Esse momento transformou sua vida, disse. Pediu transferência para o curso básico de telecomunicações, seguiu no curso técnico de eletrotécnica e nunca mais abandonou a eletrônica. “Mas eu só concluí a engenharia depois de estar na Globo. Quando comecei ainda era TV Globo Canal 4, do Rio de Janeiro, em 1968”.

Com apenas 13 anos consertava rádios, e aos 15 televisores. Sua entrada no broadcast não veio por

acaso: “Curioso para saber como as imagens chegavam aos televisores, fui para a porta da TV Rio, perguntando a quem entrava se era da Técnica até que o Sr. Belmiro me levou para tomar um café, fez umas perguntas, deixou entrar na emissora e me apresentou ao Orestes Polverelli, uma das pessoas mais inteligentes que conheci. Ele conversou comigo por 15 minutos, subiu para falar com o diretor técnico e fui contratado na hora”.

Naqueles tempos, as emissoras funcionavam em condições improvisadas, lembra o ex-presidente da SET: “Grande parte dos equipamentos eram comprados usados. Como a Central Técnica não tinha ar-condicionado, a maresia do Posto 6, Copacabana era devastadora”. Mas essa precariedade não o desanimava; pelo contrário, aguçou seu talento para soluções criativas. Malta afirma que: **“a televisão lá no início era uma guerra entre produção e técnica, pelas falhas que ocorriam na programação que era ao vivo e mesmo com o passar do tempo isso continuou.”**



Fernando Bittencourt, Alfredo Miraluna, Boni e Adilson Malta na 2ª Avenida, em NYC, em 1975/ Foto: Arquivo pessoal

A Globo e as tecnologias de outros tempos

“A introdução do videotape na década de 1960 revolucionou tudo. Foi a ferramenta que possibilitou o grande salto... como Chico Anísio, falando com ele mesmo, uma coisa impossível ao vivo. O programa do Chico exibido ao vivo na TV RIO tinha um cenário igual na Record SP. O Chico tinha de viajar para fazer o mesmo programa. Com o videotape era só enviar uma fita”, comentou.

Quando chegou à Globo, Malta trouxe uma nova mentalidade: “Eu peguei a minha equipe e disse: nós somos prestadores de serviço da produção, do telejornalismo, da comercialização e da distribuição de sinais. Em princípio, qualquer erro ou falha, a culpa é nossa. Depois a gente apura. Mas ninguém vai brigar mais. Foi aí que a Globo deu um grande passo, já que começamos a nos ajudar, ter reuniões de pre-produção

conjuntas e criamos uma nova forma de trabalhar”.

O grande salto foi a chegada da TV a cores em 1972. “A TV em cores trouxe um gigantesco impacto



Adilson Malta junto ao representante da AMPEX, Reinaldo Losso / Foto: Arquivo Pessoal

na comercialização. Ela criou o comercial em cores... o faturamento explodiu. Os produtos ganharam embalagens coloridas e isso mudou completamente a publicidade”.

Mas pedras apareceram no caminho e não foi sem riscos, recorda. Incêndios em emissoras de TV aconteciam. “Pegou fogo na Record e na Band. Na Globo foram quatro e no primeiro eu quase morri (...) tentando salvar fitas, fiquei asfixiado e tive que entrar no controle mestre para respirar fundo por uma janela basculante e sair”.

Fernando Bittencourt, também ex-presidente da SET, acompanhou o projeto de implantação da produção e transmissão em cores em toda a programação, na época uma tecnologia nova, disse ao [Memória Globo](#) que “Malta, por quem sempre teve grande admiração e respeito profissional. “Foi uma pessoa chave para o crescimento e a profissionalização da empresa. Ele criou na Diretoria de Engenharia a área de Recursos Humanos, que passou a se encarregar da seleção e treinamento de pessoal. A Engenharia servia de modelo



Bombeiros e funcionários tentam apagar fogo de incêndio na TV Globo/Foto: Memória Globo

para o resto da empresa”.

Malta disse ainda que “com o grande incêndio de 1976, adaptamos câmeras e gravadores de vídeo, alugamos estúdios, locações, passamos a ter imagens das ruas, de veículos, embarcações e aeronaves, introduzindo a mobilidade na produção de televisão”, e recorda que esse trabalho “viabilizou a produção e o grande sucesso das Séries Brasileiras, da dupla Boni e Daniel Filho”.

No telejornalismo, explicou Malta, “trocamos as reportagens feitas em película, por fita magnética, criamos as UPJs- Unidades Portáteis de Telejornalismo, montando pontos de recepção de sinais de micro-ondas nas cidades, viabilizando as reportagens ao vivo. Mais à frente, as unidades de transmissão por satélite apareceram e acabamos com as limitações do reduzido número de pontos de recepção por micro-ondas. Era ao vivo de qualquer lugar e o Jornal Nacional foi para o patamar superior de audiência. Tudo isso, com a incansável participação de Armando Nogueira”.



Primeira unidade móvel de reportagem eletrônica ao vivo. — Foto: Acervo pessoal Armando Nogueira/Memória Globo

Os grandes eventos

Para os telespectadores, os grandes eventos como Olimpíadas e Copas do Mundo de Futebol, quase sempre exclusivos da GLOBO, eram originados de organizações internacionais de grande porte que geravam os sinais e nós fazíamos a exibição. Na prática, eram as operações mais complexas e desgastantes da televisão e ocorriam a cada dois anos.

Nos anos 70, as transmissões desses grandes eventos não tinham tanta sofisticação e complexidade. “Tudo era feito através dos controles de telejornalismo utilizados na programação diária. Após alguns anos, isso se tornou impraticável e a cada grande evento tivemos que montar um controle de áudio, vídeo, comunicações e comutação de sinais temporário para

visualizar tudo com antecedência, ter comunicação direta com as equipes, acesso a sinais alternativos, replays e backups, aumentando a qualidade e confiabilidade das transmissões”.

Para o engenheiro, “não havia nada de excepcional em tecnologia nesses eventos, mas em logística era um inferno!”, porque requeria a análise do calendário, fuso horário, participações das equipes e atletas brasileiros, cidades, estádios, localização e reservas nos IBCs (*International Broadcast Center*), disponibilidade e custo de satélites, equipes, viagens, hospedagens, transporte local. “Naquela de participação especial do Globo (câmeras exclusivas), alguns equipamentos iam do Brasil, mas uma parte

significante era alugada de terceiros nos locais dos eventos ou de fornecedores em outros países. Essas câmeras precisavam de conexões adicionais para se integrarem às transmissões e nós conseguimos sempre, com a especial participação do Eng. Mario Jorge Oliveira Alves. Com tudo isso, nenhum evento iria para o ar sem o Plano de Transmissão e Orçamento. Uma batalha para fechar, mas sempre deu certo”.

Malta também lembra da tensão das grandes transmissões aqui do Brasil: “A Fórmula 1, lá no início, é o que me deu mais prazer. Quando conseguíamos transmitir sem nenhum problema, era a glória. O Carnaval era o mais complicado com a concorrência acirrada, muitas vezes, as outras emissoras cortavam cabos, ou enfiavam pregos. Era guerra”.

A Globo também inovava graficamente, disse e por isso, criou em 1984, o Globo Computação Gráfica (GCG). “O Boni sempre foi genial... até o PlimPlim tinha função estratégica, de abrir o intervalo comercial e chamar o telespectador de volta”, disse Malta e reforça que durante o regime militar, a censura era realidade:

“O Jornal Nacional, tinha sempre um censor pegando o roteiro e cortando notícias. Foi uma época difícil.”



Foto: Reprodução

A NAB e o surgimento da SET

As viagens as NAB Shows e centros de pesquisa no exterior foram decisivas, recorda: “A gente viajava quase todo ano para NAB porque era importante ter contato com o mundo exterior, para sobreviver com um sistema de televisão introduzido no país pelos militares, conhecido como PAL-M. Foi por causa do PAL-M que surgiu a SET. “Esse padrão não foi aceito por nenhum outro país e não havia escala de produção para que fosse contemplado com as mais recentes tecnologias. Os equipamentos chegavam ao Brasil com quatro anos de atraso tecnológico”, disse o executivo. O problemático PAL-M e as dificuldades de importação de equipamentos motivaram Malta a reunir colegas engenheiros, emissoras e fornecedores para fundar a **Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão (SET)**, “para viabilizar o uso de equipamentos NTSC em produções em estúdios, distribuição e contribuição operacional”.

Em entrevista a [Revista da SET em 2008](#), com motivo dos primeiros 20 anos da entidade, Malta disse que “o início foi muito difícil. A SET foi criada numa cerimônia realizada no Hotel Sheraton, no Rio de Janeiro, com o apoio e a presença do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, o que nos passou um sentimento de que tudo seria fácil e não foi. O regime militar tinha acabado havia menos de três anos e a sua sombra pairava sobre todos os espaços. Permaneciam as reservas de mercados e o monopólio das telecomunicações. A

Embratel atuava como um poder paralelo, fiscalizando e coordenando as telecomunicações. A burocracia para importar equipamentos que não fossem PAL-M dificultava a transição. Para validar e dar respaldo a nossa Associação assinamos o primeiro convênio



25 de março de 1988, Cerimônia de inauguração da SET no Rio de Janeiro/Fotos: SET

de cooperação com a SMPTE. Com poucos recursos e cerca de 300 associados conseguimos caminhar e vencer as resistências para ter equipamentos de primeira geração em NTSC nas emissoras e produtoras brasileiras. Simultaneamente, como não havia Internet, lançamos o Informativo SET, depois a Revista da SET; criamos eventos bienais como Congresso-Feira e Seminário. Desenvolvemos um programa para incentivar a visita anual de associados e de outros brasileiros à NAB, lançando o evento SET e Trinta. Fica sempre a sensação de que realizamos muito, mas a SET até hoje tem poucos colaboradores em tempo integral. A maioria dos integrantes das diretorias divide as suas atividades profissionais dedicando algum tempo à SET”.

Malta afirmou à reportagem que “como primeiro presidente profissionalizou o diálogo técnico no setor e ajudou o Brasil a se alinhar com tendências internacionais”.

Outro pilar de sua carreira foi a formação de equipes: “Eu decidi pedir ajuda a professores e consultores para ensinar as pessoas. Me dediquei muito porque a Globo só crescia e se desenvolvia. Daí vieram os brilhantes engenheiros da época, bem como tivemos vários excelentes técnicos, que não passaram por nenhuma faculdade, mas conheciam transmissores de elevadas potências e equipamentos de estúdio como poucos. Era assim que a gente crescia.”



Reprodução de matéria publicada no Jornal do CREA-RJ, em maio de 1988, que reporta a criação da SET. Além do texto, contém quatro fotos que mostram a platéia presente, o Ministro das Comunicações e o presidente do CREA na época; Adilson Pontes Malta, o primeiro presidente da SET, além da ex-presidente, Liliana Nakonechnyj. No destaque também, o logo da entidade./ Foto: Reprodução

Ponto de vista

Vencemos mais um desafio.


Este é o número um da nossa Revista. O órgão que aguardávamos ansiosamente. O mecanismo básico para disseminar as idéias e consolidar os trabalhos da nossa Sociedade.

Com a ajuda dos sócios-fundadores e anunciantes da Revista de Engenharia da SET, conseguimos vencer as dificuldades iniciais de qualquer empreendimento desta natureza.

Agora, com esse fabuloso recurso, esperamos dos nossos sócios toda colaboração possível, no sentido de tornar este veículo de comunicação em um dos mais conceituados e úteis do mercado.

Para isto, estamos estruturados para receber as contribuições baseadas em estudos técnicos, projetos ou mesmo simples idéias.

A nossa Revista depende da sua participação.



ADILSON PONTES MALTA
Presidente da SET

Revista de
ENGENHARIA DE TELEVISÃO

ANO 1 SETEMBRO 1989 Nº 1

Editorial de Adilson Pontes Malta na primeira edição da Revista da SET e Setembro de 1989/Fotos: Reprodução

A vida na SET

Malta foi um dos idealizadores da Revista da SET, disse no editorial publicado no Rio de Janeiro, no mês de Setembro de 1989, que “a Revista seria o “mecanismo básico para disseminar as ideias e consolidar os trabalhos da nossa Sociedade” e pedia aos associados a colaboração para “tornar este veículo de comunicação um dos mais conceituados e úteis do mercado. Para isto, estamos estruturados para receber contribuições baseadas em estudos técnicos, projetos ou mesmo simples ideias”.

Outra das iniciativas de Malta foi a idealização do que hoje é o SET:30 que teve a sua primeira edição em 1991 com 16 participantes. Ele disse à reportagem que “a ideia de um encontro para reunir os brasileiros na NAB, antecede a criação da SET. A Globo tinha o maior contingente na NAB, com profissionais hospedados em hotéis diferentes. Os encontros ocorriam nos corredores ou nas suítes dos fornecedores, o que era péssimo”, recordou. Malta disse, ainda, que “as reuniões no retorno ao Brasil eram frias e abordavam temas isoladamente. Eram péssimas. Eu pedi ao Jaime de Barros Filho (que seria na primeira diretoria da SET, Diretor de Eventos), para encontrar uma solução para reuniões diárias em Las Vegas. Tentamos após o horário da feira. Não teve atratividade e o pessoal já estava morto de andar o dia inteiro. Assim, só sobrou o horário da manhã antes da feira e o que pareceu viável foi das 07:30 as 09:00 horas. Acontece que faltava atratividade e o Jaime sugeriu um evento com palestras, o que eu achei interessante. Ele e Anna Lucia (secretária da SET), organizaram o primeiro SET e Trinta. Não foi uma maravilha, principalmente, pelo caricato café da manhã da administração da NAB, mas mostrou um caminho

para ser aperfeiçoado e deu certo”.

Mesmo hoje, como membro do Conselho de ex-Presidentes da SET, Adilson Pontes Malta continua ativo na preservação da memória e na discussão de inovações. Seu legado é tanto técnico quanto humano: improvisos transformados em padrões, batalhas técnicas vencidas com criatividade e uma rede de profissionais capacitados que perpetuam seu espírito colaborativo.

“Nós somos prestadores de serviço... todo mundo ajudando um ao outro... foi assim que nasceram os times verdadeiros dentro das grandes empresas”, reflete e analisa

Adilson Pontes Malta é mais do que um engenheiro — é um construtor de pontes entre eras tecnológicas e um guardião da história viva da televisão brasileira.



Adilson Malta no dia da inauguração da SET/Foto: Jornal CREA



Nome: Adilson Pontes Malta

Data de nascimento: 11/12/1941

Naturalidade: Rio de Janeiro

Formação: Engenharia Eletrônica

Estado Civil: Casado

Filhos: Três